

ASPECTOS DA CONSTITUIÇÃO DO MITO POLÍTICO: WILLY BARTH E O OESTE DO PARANÁ*

Róbi Jair Schmidt**

Resumo: Neste texto optou-se em analisar, a partir de uma tipologia diversificada de narrativas que se relacionam ao Oeste paranaense, a repercussão que o personagem Willy Barth adquiriu junto à sua comunidade, objetivando, desta forma, examinar matizes variadas do processo de constituição de um mito nesta região, visualizado através da observação de aspectos que caracterizam a morte e a liderança carismática que circulam em torno deste sujeito. Com tal estudo, busca-se apresentar a estética de discursos sobre Barth, objetivando racionalizar esse diálogo, tendo em vista a simbologia que integra essas narrativas.

Palavras-chave: Mito; Morte; Liderança carismática.

Abstract: In this text it opted in analyzing, starting from a diversified typology of narratives that link to the West paranaense, the repercussion that the character Willy Barth acquired close to its community, objectifying, this way, to examine variegated of the process of constitution of a myth shades in this area, visualized through the observation of aspects that characterize the death and the charismatic leadership that circulate around this subject. With such an study it is looked for to present the aesthetics of speeches on Barth, objectifying to rationalize that dialogue, tends in view the symbols that integrates those narratives.

Key-Words: Myth; Death; Charismatic leadership.

Preâmbulo

Diante da presente temática, busca-se compreender as narrativas que retratam a morte e o carisma do personagem Willy Barth, aspectos

* A presente pesquisa foi financiada pela CAPES.

** Doutorando em História pela UNICAMP. Endereço para contato: Rua Goiás, 334. Centro. Marechal Cândido Rondon - PR. C.E.P.: 85960-000. Fone: (0xx45) 254-1365; e-mail: robijazz@yahoo.com.br.

estes que enfatizam a gradual constituição de um mito no Oeste paranaense a partir da observação de documentos orais e impressos¹ que vão ao encontro de manifestações apresentadas por memórias que se recordam de variadas relações que entrelaçam Barth e seu grupo.

Porém, antes de abordar este diálogo, torna-se necessário apresentar alguns dados biográficos que localizam o objeto de estudo no seu tempo e espaço.

Destarte, até meados do século XX, a região Oeste do Paraná não obteve investimentos consideráveis por parte do poder público no que se refere principalmente à exploração e à colonização de suas terras. Isto se deve ao fato de que, durante um longo período, a ocupação das terras brasileiras restringiu-se à faixa litorânea, sendo que as incursões para o interior do país passaram a ter maior intensidade a partir do início deste século.

Deste modo, a história do Oeste do Paraná, do século XVI até o final do século XIX, foi marcada pela inexpressiva atuação de espanhóis, portugueses e outros povos estrangeiros. Em geral, o interior do Brasil recebia atenção quando a integridade territorial encontrava-se ameaçada. Esta questão possui implicações com a microrregião em estudo, devido ao fato desta integrar a Região Platina que, durante o século XIX, foi palco de disputas territoriais entre Brasil, Argentina e Paraguai.

Neste contexto, a história do Oeste do Paraná apresentou novas características ainda no século passado através de iniciativas que visavam a segurança nacional. Entre estas iniciativas, destaca-se a fundação de uma colônia militar, em 1889, que deu origem ao atual município de Foz do Iguaçu, que nesse momento também integrava os atuais municípios de Toledo e Marechal Cândido Rondon.

Poucos anos após a fundação desta colônia militar, comerciantes ingleses obtiveram, por parte do governo brasileiro, concessões de terras para a exploração sistemática de riquezas naturais. Com isso, passam a ser implantados projetos extrativistas, a exemplo da *Companhia Madeiras del Alto Paraná*, empreendimento sustentado por capital inglês e mão-de-obra, na sua maioria, oriunda da Argentina e do Paraguai.

Toda a faixa de terras vendida aos ingleses recebe destes o nome de Fazenda Britânia, que passa a dispor de um ancoradouro às margens

¹ Esta documentação (oral e impressa) manterá sua forma original, ou seja, as narrativas que integram as fontes não sofrerão alterações no que se refere às questões ortográficas.

do Rio Paraná denominado de Porto Britânia. Apesar de realizarem investimentos na região, tais como a construção de uma estrada de ferro ligando a Fazenda Britânia à cidade de Guaíra, os ingleses não priorizaram ações em prol da colonização desse espaço, pois estes esforços concentraram-se na ampliação das atividades de extração de riquezas naturais (madeira, erva-mate, erva-cidreira e extrato de laranja) que eram comercializadas com o resto do mundo através da sede administrativa da companhia, localizada em Buenos Aires. Além disso, ainda visando maior exploração econômica, e diante de uma atitude de indiferença por parte do governo brasileiro, os empreendimentos ingleses efetivaram a “expulsão” das tribos indígenas da região.

A situação de exploração estabelecida pelo capital estrangeiro no Oeste paranaense tornou-se mais clara para as autoridades brasileiras a partir da década de 1920, por ocasião da passagem de revoltosos tenentistas ligados ao movimento da Coluna Prestes, que no ano de 1924, nesta região, entram em atrito com os militares brasileiros e com as próprias empresas estrangeiras instaladas nesse espaço.

Em consequência deste fato, no decorrer da década de 1930, passou a ser evidenciada a situação precária desta região de fronteiras – composta por extensa área de terras – que, na visão do governo federal, em concordância com a iniciativa privada nacional, poderia ter melhores finalidades econômicas e políticas. Além disso, a região era habitada por um reduzido número de brasileiros, que mantinham residência nesse espaço devido à postura de adequação às exigências das empresas de capital internacional, sobretudo argentinas e inglesas.

Getúlio Vargas, após assumir o governo através da “Revolução de 1930”, assinou um decreto que “adotava medidas drásticas do ponto vista nacionalista. Este decreto exigia que as empresas tivessem, em seus quadros de empregados, no mínimo, dois terços de trabalhadores brasileiros” (GREGORY, 1997: 115). Esta ação do governo federal envolveu o Extremo Oeste paranaense, dificultando o acesso e o estabelecimento de grupos estrangeiros, principalmente paraguaios, argentinos e as próprias companhias inglesas que ocupavam as terras da região, impondo obstáculos para que estes permanecessem neste espaço.

Além disso, Vargas criou o Território Federal do Iguazu, abrangendo as terras do Oeste de Santa Catarina, Sudoeste e Oeste do Paraná. Esta medida integrava as estratégias de colonização e ocupação das fronteiras do território brasileiro, interligando-se ao projeto conhecido como a “Marcha para o Oeste”, que contava com a adesão do

governo estadual e do capital privado nacional, além de personagens de expressão junto à sociedade brasileira da época.

Portanto, a “Marcha para o Oeste” trazia em seu bojo a noção de exploração e domínio das fronteiras brasileiras, sendo que a legislação e o encaminhamento político adotados pelo governo federal criaram dificuldades para a manutenção da exploração estrangeira. Além disso, países, como a Inglaterra, estavam tendo problemas advindos das instabilidades provocadas pela Segunda Guerra Mundial, o que contribuiu para a desestruturação das companhias instaladas na Bacia do Prata. Sendo assim, “a conjuntura mundial em crise e as incertezas das companhias estrangeiras que operavam no Oeste do Paraná fizeram com que fossem desativados seus empreendimentos ou entrassem em falência, abrindo fabulosos espaços para o investimento de capitais nacionais” (GREGORY, 1987: 117).

É neste contexto que a Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S. A. - Maripá adquiriu, em 1946, a Fazenda Britânia². O projeto da referida empresa colonizadora foi estruturado na região Oeste paranaense, levando em consideração seu potencial econômico, visualizado na comercialização de madeiras e lotes rurais. Além disso, o estabelecimento de uma infra-estrutura – que privilegiava grupos étnicos descendentes de imigrantes alemães e italianos (protestantes e católicos), oriundos do Rio Grande do Sul e Santa Catarina –, possibilitaria a exploração econômica dos excedentes da produção agrícola destas famílias de migrantes³.

O projeto da Maripá buscava antecipar os encaminhamentos a serem efetivados durante a execução das atividades relacionadas à ocupação e colonização deste espaço. Sendo assim, os administradores da empresa organizaram sistematicamente as diretrizes que iriam orientar todo o processo: seleção dos grupos humanos; divisão das terras em pequenos lotes; cultivo de produtos diversificados; e industrialização e comercialização dos excedentes agrícolas.

Como um dos personagens principais na configuração e execução

² A Maripá foi fundada em “13 de abril de 1946, segundo consta no livro de Contratos n.º 39, do Primeiro Cartório de Notas de Porto Alegre”. Cf.: NIEDERAUER, Ondy H. *Toledo no Paraná: a história de um latifúndio improdutivo, sua reforma agrária, sua colonização, seu progresso*. Toledo: Grafo-Sct, 1992, p. 35.

³ MACCARI, Neiva. *Migrações e memória: a colonização do Oeste paranaense*. Curitiba, 1999. Dissertação (Mestrado em História) – UFPR.

das diretrizes acima descritas, Willy Barth, a partir de 1949, assumiu a direção da Maripá. No entanto, merecem ser destacados alguns aspectos de caráter biográfico deste personagem, que remontam ao período anterior ao projeto de colonização da Maripá, na medida que estes aspectos auxiliam a compreensão da trajetória de Barth.

Nascido na cidade de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, no dia 20 de junho de 1906, Willy Barth – descendente de alemães protestantes, empresários do setor industrial – permaneceu nesta cidade até o término de seu curso primário. Posteriormente, no início de sua adolescência, mudou-se para Porto Alegre a fim de estudar e, aos dezessete anos, interrompe seus estudos para empenhar-se junto às atividades comerciais como vendedor de tecidos, passando a percorrer o interior e os centros urbanos do Estado, instalando-se em Caxias do Sul, cidade denominada na época como “Pérola das Colônias” por ter sido a cidade-foco de vários empreendimentos de colonização, sendo o local de fundação de várias empresas colonizadoras por empresários e comerciantes da região e da capital gaúcha.

Assim, em Caxias do Sul, Willy Barth associou-se a comerciantes de expressão regional, constituindo a empresa Barth & Anoni, vindo a ser esta a colonizadora da cidade de São Miguel do Oeste, no interior de Santa Catarina. Passada esta fase de sua vida, no final da década de 40, Barth transferiu residência para o Oeste paranaense, assumindo a função de diretor da Maripá. Neste local, desenvolveu efetivas atividades políticas e empresariais. No período de 1945 a 1962, foi diretor da colonizadora; prefeito da cidade de Toledo, a maior desta região; e, durante os seus últimos meses de vida, concorria a uma cadeira de suplente no senado através do Partido Trabalhista Brasileiro - PTB, uma das forças político-partidárias mais importantes deste momento histórico –, constituindo-se numa das expressões públicas deste espaço, sendo identificado como um “mártir”, “símbolo de colonizador”, entre outras características, tanto anteriormente quanto após sua morte, ocorrida no ano de 1962, aos 55 anos de idade.

Desta forma, tornou-se um líder de muito carisma, estabelecendo relações com a vida política, cultural, social e econômica do Oeste paranaense. Seus empreendimentos tiveram efeitos tão marcantes na região a tal ponto que as pessoas identificavam a Maripá à figura de Willy Barth. Ou seja, muitas das atividades desenvolvidas pela colonizadora eram atribuídas às ações de Barth.

Após esta sintética apresentação, intenciona-se analisar o significado que este personagem adquiriu junto ao seu grupo através do exame de algumas narrativas que abordam sua inserção neste espaço.

Da morte nascem os mitos

A morte é um dos elementos fundamentais que marcam a memória coletiva devido ao fato de alimentar a presença de personagens míticos junto a determinados grupos sociais, principalmente quando estes personagens morrem no ápice de suas carreiras, ou seja, quando morrem no auge de sua atuação pública. Tal aspecto pode ser visualizado nas circunstâncias que cercam a morte de Willy Barth: quando de seu falecimento, ele ocupava funções expressivas no que se refere às comunidades que ocupavam o Extremo Oeste paranaense.

Essas funções expressivas adquirem maior concretude a partir da descrição das atividades exercidas por Barth encontradas na obra *Toledo e sua história*, organizada por Oscar Silva, na qual os autores enfatizam que tal personagem “moveu-se qual um pistom entre o escritório da Maripá e o gabinete da Prefeitura. Como se isso lhe parecesse pouco, nos primeiros meses de 1962, lá estava ele já trabalhando numa terceira frente, em campanha para suplente de senador” (SILVA, 1988: 332-333).

Esta descrição revela a importância da posição política ocupada por Willy Barth na região, pois atuava simultaneamente em três “frentes” (diretor da Maripá; prefeito do Município de Toledo; e ainda encontrava-se em plena campanha a uma cadeira no Senado). Estas diferentes funções mostram a liderança assumida por Barth junto ao seu grupo, pois, através destas atividades, este personagem mantinha relações com pessoas que integravam diversas camadas sociais, tanto internamente quanto externamente à sua região, sendo que os cargos que ocupava tinham reflexos comerciais e políticos, o que fazia deste personagem um homem público de considerável expressão regional.

Inserida neste panorama que apresenta as diferentes e importantes funções públicas assumidas por Barth, evidenciando o auge de sua carreira política e empresarial, a narrativa acima referida prossegue através da descrição pormenorizada de sua morte: “a máquina humana cedeu, entrou em pane e o motor parou de vez no dia 2 de abril de 1962, na cidade de Guaraniaçu, onde [Barth] fazia sua campanha eleitoral” (Silva, 1988: 332-333).

Além disso, o fato de ter falecido durante o período em que desenvolvia diversas atividades expressivas junto ao seu grupo, faz com que seja identificado como um homem que se ocupava inteiramente dos interesses da comunidade. Tais narrativas manifestam-se com maior intensidade quando da descrição das circunstâncias que envolveram sua morte, pois “tombou morto quando pronunciava um discurso para candidato a suplente de senador pelo Paraná. Até o último instante foi um homem dedicado ao bem público” (Arquivo Público do Paraná, 1968: 19).

Deste modo, as narrativas que descrevem sua morte caracterizam este personagem como um lutador que se encontrava no apogeu de suas funções. Tal característica é evidenciada com maior nitidez quando considerada a carta de consolo que a família Barth recebeu de Adaril Morais (pai do então Ministro da Agricultura Marcos Vinício Pratini de Morais): “Willy (...) era a figura do lutador sereno, com firme determinação e serena decisão ante os obstáculos e as dificuldades, deixou, pela sua própria vida, o exemplo da coragem e da resistência em face do imprevisto. Sua ação foi sempre um incentivo à perenidade diante do sofrimento e das provocações” (MORAIS, 1962: 03).

Através destas narrativas percebe-se que a morte de um indivíduo com relevante expressão pública junto ao seu grupo pode propiciar um processo de heroização, pois sua morte comporta traços dignos de permanecer na memória das pessoas. Com relação a Willy Barth, estes traços podem ser expressos da seguinte maneira: Barth morre jovem, no auge de suas atividades e em circunstâncias trágicas. Neste sentido, Olgária C. F. Matos diz que existe um modo heróico de morrer: “aquele que se dá em combate, na flor da idade – a vida breve” (MATOS, 1994: 84).

Desta maneira, morrer jovem, lutando e de forma trágica são aspectos que vão ao encontro das circunstâncias que cercam o falecimento de Barth, o que pode causar uma comoção pública, perceptíveis nas memórias que ressaltam tal momento. De acordo com Wilson C. Kuhn, advogado da MARIPÁ durante o período inicial da colonização,

lamentavelmente (...) Willy Barth, depois de ser alvo de consagradora manifestação e homenagem, veio a falecer em Guaraniaçu, vítima de uma síncope cardíaca. Seu corpo foi velado por milhares de pessoas na cidade de Toledo e transportado para Caxias do Sul, onde foi enterrado,

por decisão de seus familiares. O enterro de Willy Barth foi uma consagração pública. Willy Barth foi inegavelmente o maior de todos os homens do Oeste do Paraná (KUHN, 1978: 05).

Tal comoção pública pode ser identificada também nos depoimentos de pessoas que participaram do velório. Segundo Osvaldo H. Neugebauer, “foi feita uma missa ecumênica, porque tinha muita gente de todo lugar. Talvez [esta tenha sido] a primeira missa ecumênica, de tanta gente que tinha” (NEUGEBAUER, 1999).

Desta forma, a partir das narrativas que retratam o comparecimento das pessoas ao velório de Willy Barth, percebe-se as dimensões e valores que envolviam este homem público, pois o seu velório foi uma “consagração pública”, tendo em vista a numerosa participação da comunidade, havendo a necessidade de integrar as diferentes religiões através de uma missa ecumênica.

Como visto anteriormente, um aspecto que colabora para a constituição de determinados indivíduos em heróis, é o fato de morrerem em meio a atividades que se relacionam com considerável parcela da comunidade. Este fato faz de sua morte um grande evento público porque marca sua passagem pela comunidade. Desta maneira, Barth é identificado como o homem que morre lutando pelo seu povo e sua terra em diversas narrativas que abordam tais circunstâncias, a exemplo do que diz Wilson C. Kuhn:

Crendo em Deus, como senhor de todas as causas e de todos os seres, acreditando firmemente na democracia, como regime político ideal, Willy Barth foi também um operário-profeta da grandeza do Oeste paranaense, a quem tanto amou. Grande parte de sua vida foi dedicada ao Oeste do Paraná e a sua própria morte foi uma oferenda à destinação histórica e fatalista da região oestina (KUHN, 1978: 01).

Novamente, percebe-se as características de Barth que tiveram impacto sobre a comunidade: homem religioso e democrático que, lutando pela sua região, “oferece sua vida” como forma de demonstrar seu amor pela região do Oeste paranaense.

Este diálogo, envolvendo a morte de Barth, vai ao encontro das discussões apresentadas por Jean-Pierre Vernant quando afirma que “morrer é uma bela coisa (...), quando se cai na primeira linha como homem de coragem; é preciso ainda que seja defendendo a terra da

pátria; é sob esta condição que a glória do defunto permanece imorredoura e, o herói, imortal” (VERNANT, 1978: 50).

Diante destas observações que caracterizam a “morte pela terra” como uma qualidade importante no que se refere a determinados heróis míticos, no caso de Barth, esta qualidade é evidenciada quando exemplificada por várias narrativas que se manifestam através da descrição de seu falecimento como sendo um ato de coragem, através do qual Barth oferece sua vida pela região, tal como o trecho da carta enviada por empresários argentinos à família Barth: “El Senor Willy ha desaparecido en su ley de trabajo. Es una victima sacrificada por su devoción a la noble tarea del progreso del Oeste y de su patria. Los esfuerzos de los ultimos quince años de su vida los ha dedicado a hacer el bien y ayudar a su alrededor” (CARTA, 1962: 02).

A morte como oferenda à região pode ser identificada também nos relatos dos colonos. Segundo Osvaldo H. Neugebauer, “Dona Diva⁴ ficou braba quando ele [Barth] morreu, porque (...) tinha se sacrificado por Toledo” (NEUGEBAUER, 1999). Em outro relato encontra-se a seguinte expressão: “Era um homem que se sacrificou pra isso aí ir prá frente” (LAMBERTY, 1999). Além disso, o jornal *A Voz do Oeste* expressa-se da seguinte forma na homenagem proferida por ocasião de sua morte: “O amor a Toledo matou-o” (A VOZ DO OESTE, 1971: 01).

Portanto, a morte de Barth é associada à sua luta pelo progresso do Oeste do Paraná, devido às várias atribuições a ele confiadas que, por possuírem redes de relações socioculturais expressivas, faziam deste personagem uma figura que agregava sentimentos coletivos, devido ao próprio momento pelo qual passava a região, encontrando-se no início de sua estruturação econômica e política.

Assim, as circunstâncias de heroicização de determinados personagens tendem a estar imbricadas a períodos bastante peculiares: quando morrem homens públicos de elevado destaque em determinado contexto – como, no presente estudo, em meio a um processo de ocupação colonizadora – as pessoas sentem-se desorientadas, tendo, então, não apenas uma perda significativa para os familiares, mas também para todos os membros da comunidade na qual atuavam. Esse aspecto é referenciado com maior nitidez novamente na carta enviada para a família Barth por empresários de Buenos Aires: “La tragica noticia nos ha tomado

⁴ “Dona Diva” é a viúva de Willy Barth, Diva Paim Barth, que reside atualmente na cidade de Toledo.

a todos tan desprevenidos que las palabras son pocas para decir la irreparable pérdida sufrida por su familia, por Maripá y por el Oeste” (CARTA, 1962: 01). Daí a necessidade da referência à figura do líder para guiar os passos dos membros da comunidade.

Deste modo, as circunstâncias trágicas da morte do líder geram reações junto aos sentimentos coletivos. Como exemplo destas manifestações, cita-se a seguinte narrativa: “O PREFEITO MUNICIPAL DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON, Estado do Paraná, no uso de suas atribuições, DECRETA TRÊS DIAS de luto oficial em todo o Município de Marechal Cândido Rondon, em homenagem da perda irreparável do grande brasileiro, colonizador, amigo e benfeitor de Marechal Cândido Rondon, senhor Willy Barth” (LAMP, 1962: 01).

Ainda com relação às manifestações do seu grupo, apresenta-se também um depoimento significativo de um dos membros da comunidade que expressa a perda irreparável advinda da morte de Barth:

Trouxeram o corpo. Foi um choque prá todo mundo essa notícia do falecimento. Foi feita missa de corpo presente, juntô muita gente, (...) fui convidado [pra] fazê uso da palavra. Falei sobre a vida de Willy Barth, sobre a pessoa de Willy Barth (...), a população sentiu muito um vazio (...) e não havia naquele tempo um substituto igual a ‘Seu’ Willy (...), Ninguém tinha capacidade de atendê a contento como ‘Seu’ Willy Barth fazia. Então, foi uma falta tremenda prá nossa região. Eu nunca me esqueço..., ‘Seu’ Willy gostava muito de Marechal Rondon (...). Ele sempre dizia pra mim: ‘Olha, Rondon é a menina dos meus olhos’. Ele gostava muito daqui (LAMBERTY, 1999).

Como se pode notar, tal acontecimento abala o grupo, devido ao fato das pessoas depositarem suas esperanças em personalidades, tais como a de Barth, que servem como referência principal para os membros desse espaço. Em outro trecho do mesmo depoimento, aparece novamente a alusão ao papel de líder exercido por Barth na estruturação da ocupação do Oeste paranaense: “Numa época em que tudo estava difícil aqui (...). O senhor chegã e deitã numa cama é muito fácil, mas o senhor fazer primeiro essa cama é muito difícil, como ele fez. Ele colaborô em tudo” (LAMBERTY, 1999).

Sendo assim, nota-se que os momentos de tensão são circunstâncias significativas que colaboram para que determinados sujeitos adquiram expressão coletiva. Contudo, quando estes momentos

críticos coincidem com a morte desses sujeitos, sua vida pode ultrapassar o estado físico e biológico, tornando-se, desta forma, um importante fragmento da memória coletiva, podendo revelar-se como heróis míticos.

Assim, a morte de tal personagem possui diferentes dimensões, atingindo um estágio que ultrapassa o seu sentido físico, pois

a verdadeira morte é o esquecimento, o silêncio, a obscura indignidade, a ausência de fama. Ao contrário, existir é – esteja-se vivo ou morto – ser reconhecido, estimado, honrado; é sobretudo ser glorificado: ser objeto de uma palavra de louvor, de uma narrativa que conta, sob a forma de uma gesta, retomada e repetida sem cessar, um destino por todos admirado. Neste sentido, pela glória que ele soube conquistar devotando sua vida ao combate, o herói inscreve na memória coletiva do grupo sua realidade de sujeito individual, exprimindo-se numa biografia que a morte concluiu e tornou inalterável. Pelo canto público dos feitos a que ele se deu por inteiro, o herói continua, além do traspasso, presente, a seu modo, na comunidade dos vivos (VERNANT, 1978: 41).

Como pode ser identificado nas diversas memórias que se relacionam à constituição do mito do Oeste paranaense, o herói mítico é, então, aquele que supera a condição humana através de sua glorificação, ancorada em elementos relacionados tanto ao mundo sagrado como ao mundo profano, o que faz com que as narrativas que se referem ao mesmo sobressaiam-se às demais.

Neste sentido, assim se manifestam membros da comunidade: “Nossa, prá nós, era Deus no Céu e o Willy Barth na terra” (SCHOEDER, 1999). Além desta, em outra narrativa que faz referência à vida gloriosa de Barth, aparecem os seguintes dizeres:

A história, disse alguém, é dos ousados. E ela ainda não fôra escrita, no oeste paranaense. Um bárbaro descendente teuto, filho de Santa Cruz, um pouco de alemão e um tanto de caboclo, fazia nascer, então (...) São Miguel do Oeste, hoje jóia do Oeste catarinense. Era um homem. Era um guerreiro. Os fados – outros dirão, a Providência – trouxeram-no para a vila de Cristo Rei⁵. Surgiu, então, a figura dominadora e altiva, autêntica imagem de confiança. Surgiu, então, Willy Barth, meio homem, meio Deus (A VOZ DO OESTE, 1971: 01).

⁵ Primeira designação do núcleo de colonização que deu origem à cidade de Toledo.

A partir destas falas percebe-se a amplitude do imaginário sociocultural que envolve esta personalidade, que, após a sua morte, passa por um processo de glorificação, sendo caracterizado como “meio homem, meio Deus”, o que evidencia a inserção adquirida por Barth junto à memória de seu grupo.

Esta exaltação quando de sua morte está amparada por uma rede complexa de manifestações sociais, culturais, econômicas, religiosas e políticas que asseguram a permanência das ações de Willy Barth no imaginário coletivo da comunidade do Oeste do Paraná. A partir da análise das narrativas, percebe-se que para determinados personagens a morte é mais do que uma passagem do estado físico para outro, pois estes permanecem vivos na memória do grupo. Como diz o senhor Alberto Lamberty “[Willy Barth] morre, mais fica no meio do povo” (LAMBERTY, 1999).

Diante desse quadro, torna-se pertinente apresentar novamente algumas das discussões referenciadas por Jean-Pierre Vernant, quando enfatiza que “ultrapassando as honras corriqueiras, as dignidades de posição, efêmeras e relativas, (...) a honra heróica pressupõe a existência de uma tradição (...), repositório da cultura comum, que funciona para o grupo como memória social” (VERNANT, 1978: 41).

Desta forma, a morte desse personagem é narrada por várias falas como um acontecimento repleto de glórias, pois Barth luta até o último momento frente ao seu destino, como se percebe com maior evidência em outro importante fragmento de jornal: “Para consôlo de sua viúva, Da. Diva Paim Barth, dama estóica, que renunciou à vida do espôso em favor da terra toledana, foi dito a ela que Willy Barth morrera ‘como um passarinho’. Foi uma piedosa mentira da história. É preciso retificá-la. Willy Barth morreu, urrando de dor. O guerreiro, que não queria e não podia morrer, enfrentava, aos berros, a Morte, que não temia. E o povo chorou-o” (A VOZ DO OESTE, 1971: 01).

Estas manifestações mostram como o “herói do Oeste paranaense” está cercado por discursos que o relembram como uma das pessoas marcantes no processo de ocupação deste espaço. Além disso, as circunstâncias de sua morte estão compostas de lembranças que visualizam este momento como um sofrimento de “guerreiros”. Em outras palavras, daqueles que lutam contra sua morte, mas, ao mesmo tempo, que não a temem. Neste sentido, Jean-Pierre Vernant enfatiza que

ultrapassa-se a morte acolhendo-a (...), tornando-a a aposta constante de uma vida que toma, assim, valor exemplar e que os homens celebrarão como um modelo de 'glória imorredoura'. O que o herói perde em honras prestadas à sua pessoa viva, ao renunciar à longa vida para escolher a pronta morte, ele o torna a ganhar cem vezes mais na glória de que fica aureolada, por todos os tempos vindouros, sua personagem de defunto (VERNANT, 1978: 40-41).

Desta forma, a morte de Barth é descrita de forma heroicizada, o que faz com que sua imagem passe a ser referenciada como um exemplo de coragem, permanecendo como lembrança expressiva e adquirindo, muitas vezes, uma dimensão nostálgica por ser considerada uma perda irreparável para o grupo.

Diante destas considerações, as manifestações de membros da família Von Braugter são relevantes por expressarem a atitude nostálgica diante da memorização de elementos ligados à vida de Barth: "O homem era muito dado, muito dado, minha nossa! Eu sempre falo: pessoa boa, Deus carrega logo pro cemitério e o ruim fica estrovando por aí. Esse homem, minha nossa! Olha... tenho muitas lembrança dele. Esse homem, barbaridade, foi uma [neste momento da fala, o entrevistado começa a chorar] Foi uma coisa boa" (VON BRAUGHTER, 1999).

Desta forma, a nostalgia encontrada nas narrativas está relacionada à caracterização do período de convivência com Willy Barth como sendo um período que, apesar das extremas dificuldades enfrentadas, foi a melhor época da colonização, pois a presença de Barth é identificada como o líder que guia seu grupo. Este período de ouro pode ser evidenciado quando se observa as seguintes falas: "A época de Willy Barth deixa saudades (...), foi o melhor período que teve" (PETER, 1999). Além deste, outro depoimento caracteriza a importância de Barth na região: "Nunca mais ninguém vai marcar época nessa região como o senhor Willy Barth" (VON BRAUGHTER, 1999).

Em outras citações, estas narrativas revelam um tom poético, caracterizando ainda mais esse personagem como lembrança que se mostra enquanto momento de luta e que, com sua morte, transcende a vida física, por estar relacionada a um período que se identifica com o "Jardim do Éden".

Neste contexto, apresenta-se a narrativa a seguir, retirada de um artigo publicado em um jornal da região:

Às vezes, um homem caminha intranquilo, em meio às madrugadas escuras, pelas ruas da cidade ou pelas estradas do interior. Parece não saber aonde vai; por isso, caminha mais ainda do que aqueles que sabem aonde vão. Envolto em longa capa espanhola, não pára de caminhar. Sobrancelhas cerradas, mas feições suaves. Rápido no caminhar, embora levemente obeso. Cabelos grisalhos, olhar penetrante. Às vezes, pára à beira da estrada e inicia conversa com o colono, que tanto amou, e com os vivos, que parecem não escutá-lo: ‘Escuta tchê!’ É um morto. Um morto, que caminha. É Willy Barth. E quando a noite é silenciosa, uma voz gigante se eleva na solidão noturna. Percorre vales e matas, atravessa a parede das casas, acorda velhos soldados, conclama os jovens e incendeia os corações. E as mesmas palavras, que clamava em vida, ressurgem da bôca do Guerreiro Morto: ‘Eu creio em Deus!’ ‘Eu creio na Democracia!’ ‘Eu creio no futuro de liderança do oeste paranaense!’ (A VOZ DO OESTE, 1971: 01).

Bastante significativo, este texto contribui para a mitificação deste personagem, pois apresenta a continuidade das palavras do “Guerreiro Morto”. Assim, o mito prossegue, a seu modo, na comunidade dos vivos. Esta característica possibilita analisar a dimensão normatizadora das práticas discursivas que se referem a Willy Barth: tais práticas, ao encontrarem solo fértil em seu grupo social, auxiliam na permanência de valores prestigiados por este personagem mítico, tais como religiosidade, democracia e futuro promissor, e assim, “ultrapassando o medo da morte, por seus atos, o herói substitui compensatoriamente o medo. Liberta-se da ansiedade da separação e do medo da morte pela repetição de feitos arriscados, tendo sua garantia de sobrevivência fundada numa ‘fantasia de renascimento e de invulnerabilidade’” (MATOS, 1994, p. 85).

Neste sentido é que as narrativas sobre Barth apresentam elementos representativos que o caracterizam como um mito, pois suas ações são vistas como atos “invulneráveis”, que transcendem à matéria: “às vezes, pára a beira da estrada e inicia conversa com o colono, que tanto amou, e com os vivos que parecem não escutá-lo: ‘escuta tchê!’ É um morto, que caminha. É Willy Barth”.

Além disso, a narrativa citada expressa importantes fragmentos que contribuem para sua sobrevivência: o direcionamento do diálogo pós-morte visa alcançar respaldo através da referência ao colono (gaúcho), caracterizando, por sua vez, uma identificação entre Willy Barth e a comunidade.

Tal narrativa mostra que as práticas discursivas de Barth tiveram um impacto considerável junto ao seu grupo: percebe-se que as imagens que cercam esse personagem alcançaram dimensões que extrapolam sua vida física, pois “quando a noite é silenciosa, uma voz gigante se eleva na solidão noturna. Percorre vales e matas, atravessa a parede das casas”.

Assim, através dessas narrativas ufanistas, o nome de Willy Barth alcança dimensões que apontam para a inserção de suas ações junto ao seu grupo, na medida em que “acorda velhos soldados, conclama os jovens e incendeia os corações” e incorpora elementos bastante recorrentes em seus discursos, tendo em vista que “as mesmas palavras, que clamava em vida, ressurgem da boca do Guerreiro Morto: ‘Eu creio em Deus!’ ‘Eu creio na Democracia!’ ‘Eu creio no futuro de liderança do oeste paranaense!’”. Tal observação torna-se relevante quando consideradas as observações de Michel de Certeau, pois “falar dos mortos é também negar a morte e, quase, desafiá-la” (CERTAU, 1982: 57). A partir destas observações, objetiva-se mostrar que as diversas narrativas que ressaltam a morte de Barth, tendem “a negar e a desafiar” a mesma, o que o torna um “morto-vivo” entre o seu grupo, ocupando espaço na produção de ações no mundo dos vivos. Por tal característica distintiva, Barth apresenta-se como um indivíduo que permanece junto às lembranças que integram as memórias de seu espaço.

Ainda, neste sentido, Michel de Certeau, ao relacionar história e linguagem, diz:

Esta é a história. Um jogo da vida e da morte prossegue no calmo desdobramento de um relato, ressurgência e denegação da origem, desvelamento de um passado morto e resultado de uma prática presente. Ela reitera, um regime diferente, os mitos que se constroem sobre (...) uma morte (...) e que fazem da linguagem o vestígio sempre remanescente de um começo tão impossível de reencontrar quanto de esquecer” (CERTAU, 1982: 57).

A partir destas considerações, a permanência *post-mortem* das ações de Barth junto à memória de seu grupo pode ser percebida através da alusão constante às características que fazem dele a referência principal no processo de ocupação desta região: “Os anos não de passar. Mas, a memória do povo jamais o esquecerá: a figura do líder intímido, o líder extraordinário, do homem bom e notável, que foi Willy Barth, o verdadeiro e primeiro construtor da civilização do Oeste do Paraná” (KUHN, 1978: 05).

Esta permanência torna-se mais evidente quando apresentada através das homenagens póstumas a Willy Barth encontradas nas cartas dos prefeitos das cidades de Marechal Cândido Rondon e Toledo que retratam o sentimento de luto vivido por estas comunidades:

Tendo em vista a passagem da data, em que faz exatamente um ano, que MARECHAL CÂNDIDO RONDON, ou melhor dizendo, que o Oeste do Paraná perdeu um dos seus maiores benfeitores, na pessoa do senhor WILLY BARTH, cumpre-me por dever e justiça, dirigir esta mensagem aos prezados munícipes, relembando essa perda irreparável. Foi no dia 2 de abril do ano passado, que recebemos a melancólica notícia do falecimento daquela inesquecível figura. Sirvo-me da presente oportunidade, para solicitar ao comércio e indústria do nosso município, cerrarem as suas atividades, hoje na parte da tarde, em memória do passamento do grande brasileiro, colonizador, benfeitor e amigo que foi Willy Barth (LAMB, 1963).

Além da manifestação rondonense, a cidade de Toledo também presta sua homenagem, seis anos após a morte de Barth, através do envio de carta à D. Diva (viúva de Barth), então residindo em Caxias do Sul - RS: "No transcurso de mais um aniversário do falecimento do saudoso e eminente homem público, Willy Barth, a Municipalidade de Toledo dirige-se a V. Ex^a, prestando-lhe a mais sentida homenagem, assim como o mais justo preito de gratidão à memória daquele autêntico líder do oeste paranaense" (PUDELL, 1969: 01).

Aspecto recorrente nestas homenagens é a ênfase dada ao dia da morte de Barth, pois "o dia 2 de abril representará, sempre um dia de dor e de luto na história de Toledo. Todavia, a vida de Willy Barth, dedicada inteiramente à causa pública e ao desenvolvimento da região oestina, servirá, através dos tempos, como exemplo a todos os toledenses" (PUDELL, 1969: 01).

Ainda nesta mesma narrativa, percebe-se a exaltação da figura do líder exemplar que norteia os passos das gerações futuras: "Revenciamos, neste momento, a pessoa de V. Ex^a, de quem o progresso e o desenvolvimento de Toledo exigiram a vida de Willy Barth. E quando, em meio às incompreensões dos homens nos assaltarem as vicissitudes da vida, lembremos a figura de Willy Barth, pródigo de amor à terra toledana, e sobretudo a seus semelhantes, sem qualquer distinção" (PUDELL, 1969: 01).

Assim, percebe-se que a permanência dos sonhos e dos devaneios

ligados à figura de Barth, constituiu-se como um dos aspectos decisivos para a continuidade póstuma de sua vida. Em outros termos, as memórias sobre Barth levam à transcendência da dimensão física de sua existência, fazendo com que esta se insira no imaginário de sua comunidade através da integração de sentimentos marcantes por parte das pessoas com as quais se relacionou.

Desta forma, as narrativas supracitadas adquirem maior significado quando relacionadas ao papel normatizador do herói mí(s)tico, pois “à maioria dos heróis está reservado um triste destino. Ao saltar de seu tempo, além da consagração póstuma, os heróis são condenados a trabalhar sempre e a dedicar sua vida (ou sua morte) para que ‘os homens’ sejam salvos de alguma coisa, (...) transformando-se numa espécie de morto-vivo, empregado para a força simbólica de seu grupo” (MICELI, 1994: 12).

Neste sentido, estas discussões mostram que as narrativas que alimentam a imortalidade de Barth, transformam-no em um “morto-vivo”, alcançando tais dimensões através da integração de imagens discursivas relacionadas tanto ao universo físico quanto ao espiritual, o que possibilita, por sua vez, a mitificação deste personagem. Para concluir o diálogo em torno da morte de Willy Barth, tornam-se enriquecedoras as seguintes considerações de Jean-Pierre Vernant, quando enfatiza que com a morte

o indivíduo desapareceu então da rede das relações sociais em que a sua existência constituía uma malha; desse ponto de vista, ele é doravante uma ausência; um vazio; mas continua a existir num outro plano, numa forma de ser que escapa à usura do tempo e à destruição. Ele existe pela permanência de seu nome e pelo brilho de sua fama, que persistem presentes não só na memória daqueles que o conheceram em vida, mas também para todos os homens vindouros (VERNANT, 1978: 55).

A permanência do nome de Barth e o brilho de sua fama tornam-se fundamentais para o presente estudo, na medida em que as diferentes memórias que integram as comunidades do Oeste paranaense identificam-no como o “pai da região”, como será analisado no próximo item.

O grande pai carismático

Diante do debate que designa Willy Barth como sendo “o pai do Oeste paranaense”, além de corroborar na identificação de suas características míticas, pretende-se mostrar que seu carisma pessoal teve um papel relevante junto às diferentes memórias que ressaltam aspectos de sua atuação.

Assim, após a morte desse personagem, a comunidade sentiu-se “órfã”, pois perdera não apenas um membro desse espaço, mas o pai que deixou seus filhos desamparados: “No dia que ele moreu (...) foi muito triste prá nós (...). De repente veio a notícia: ‘O nosso paizinho moreu! O nosso paizinho moreu’. Eu sei que todo mundo começou a chorá, meu pai, minha mãe, meu irmão, Rondon, enfim, todo mundo” (PETER, 1999). Em outros depoimentos a morte de Barth também é caracterizada como a morte do pai, como ocorre no relato da família Von Braughter, quando recorda o fato: “Quando ele moreu, minha nossa. Ficô um troço que Deus me livre! Ficamo abandonado, como se diz. Moreu como o pai da família, a comunidade perdeu o pai, né (...). Se ele tivesse com nós hoje, o Oeste do Paraná era outra coisa” (VON BRAUGHTER, 1999). Assim sendo, de acordo com as narrativas, Barth é identificado pela comunidade como pai. Contudo, essa qualidade não é conferida a ele apenas pela importância de suas funções empresariais e políticas, mas sim pela dimensão carismática com que desempenhou estas funções.

Este carisma gerou um prestígio pessoal significativo que agregava as pessoas, sendo que Willy Barth passou a ser a principal referência na organização das atividades relacionadas ao processo de ocupação deste espaço. O carisma pessoal de Barth é um dos elementos que contribuem para que o mesmo assuma uma posição de liderança junto ao seu grupo social. Tal aspecto é enfatizado por Reinhard Bendix da seguinte maneira:

Como a liderança carismática ocorre com mais frequência nas emergências, é associada com uma excitação coletiva com a qual as massas reagem a alguma experiência extraordinária e em virtude da qual elas se rendem a um líder heróico (...). Ele domina os homens em virtude de qualidades inacessíveis a outros (...). As pessoas se rendem a líderes porque se deixam levar por uma crença nas manifestações que os autenticam (BENDIX, 1986: 238).

Seguindo as reflexões de Bendix, através das quais o autor conceitua

as atuações do líder carismático, percebe-se que estas vão ao encontro das narrativas que recordam as ações de Barth, pois este é apresentado enquanto uma expressiva liderança durante o processo de colonização deste espaço, assumindo uma postura desafiadora em seu meio e envolvendo as comunidades locais que se encontravam aflitas e apreensivas ao se depararem com as dificuldades decorrentes da ocupação desse novo espaço sociocultural, visando solucionar os problemas encontrados no seu cotidiano.

Tal aspecto é evidenciado nas falas que recordam a atuação de Barth nessa região, através das palavras de Neusa Peter: “Ele era tudo aqui. Era o primeiro médico, o primeiro farmacêutico, dentista. Ele era tudo aqui (...). Ele tinha solução pros problemas (...). Ele não falhava com ninguém (...). Ele mesmo ia pro meio do mato” (PETER, 1999).

Nesta fala percebe-se que a atuação desse personagem supera os encargos advindos da posição ocupada pelo mesmo, tanto como político quanto como empresário, pois assume funções que ultrapassam o âmbito institucional. No entanto, o carisma deste personagem pode ser explicado através da situação sociocultural à qual seu grupo estava submetido, ou seja, as circunstâncias adversas que envolvem a comunidade fazem com que surjam agentes que assumem a “paternidade” do grupo. Tal aspecto é identificado na seguinte narrativa: “Na obra colonizadora desempenhou um papel nitidamente paternalista: recebia os novos colonos de braços abertos, mostrava-lhes as terras, acompanhava-os durante o dia e, à noite, cantava com eles para afugentar o cansaço e a tristeza da saudade” (SENADO FEDERAL, 1985: 01).

Diante disto, percebe-se que o entusiasmo oriundo da liderança carismática está relacionado com momentos críticos, pois a ocupação do Oeste paranaense – espaço que até então praticamente não tinha sido tocado pelo homem – se deu em meio a uma série de adversidades. Estas circunstâncias tornavam necessárias as ações que incentivassem a continuidade da dedicação da comunidade em torno do projeto de colonização.

Tais ações tornam-se mais evidentes quando considerados os comentários que ilustram a participação de Barth nos eventos que marcaram a ocupação das terras:

O grande colonizador Willy Barth dava esse incentivo porque a vida no sertão era dura, não tinha quase mulher era só homem, por causa do trabalho. Willy Barth dava esse incentivo e mesmo eu e meu irmão –

meu irmão era gaiteiro, eu era baterista – , então o Willy Barth as veis chegava, (...) dizia: “Olha tchê – usava a expressão tchê, tchê –, vâmo hoje à noite lá em Dez de Maio, (...) tchê, vâmo lá naquele agricultor porque ele qué í embora”. Então nós ia lá (...) e o Willy ia lá, festava, brincava com o pessoal. Era aquela pessoa animada (...), então nós questionava ele: “Seu Willy, por que ela [a pessoa, o agricultor] não pode voltá?” E ele respondia: “Porque se ela voltá, me estraga a região. Daquele lugar já não vem mais ninguém”. (...). Então ele mantinha aquela amizade, sabe, ele dava tudo, o Willy Barth. Ia saí ali um vilarejo, a gente precisava de madeira prá construi igreja e ele dizia: “Tchê, quanto voceis precisam?” (...). Ele era um pai, pai, sempre digo, pela habilidade dele, pela maneira que ele era. É por isso que isso aqui é o que é hoje (SCHOEDER, 1999).

Inserido neste contexto, outra fala, agora do pioneiro Osva1 Heinrich, apresenta os seguintes dados com relação às dificuldades enfrentadas na fase de colonização das terras:

O que mais temíamos eram os mosquitos. A solução para enfrentá-los era usar máscaras e fumar “palheiro”. Um dos filhos da D. Alice chegou a perder todas as unhas dos pés, devido à inflamações causadas pelas picadas dos mosquitos. Derrubamos doze alqueires de mato a machado. Quando estávamos desanimados, sempre recebíamos a visita e o incentivo do saudoso Willy Barth, nosso amigo e companheiro de todas as horas. Apesar das peripécias passadas, dos grandes sofrimentos e sacrifícios, hoje, sinto-me orgulhoso pelo que fiz (DÉCADA, 1974: 06).

Desta maneira, percebe-se que as narrativas que relatam as práticas de Barth apresentam este personagem como aquele que buscava solucionar os problemas que afligiam o seu grupo nos momentos de crise, utilizando para tanto de seu carisma pessoal para que as pessoas desse meio resistissem às circunstâncias adversas e garantissem assim a continuidade do projeto de colonização.

Neste sentido, o carisma de Barth desempenha um papel significativo ao assegurar a permanência das pessoas nesta região, tendo em vista que o sucesso da colonização dependia das atividades exercidas pelos colonos.

Diante destas considerações, os argumentos de Max Weber contribuem para a compreensão destes líderes, pois, segundo o autor:

o carisma, significando literalmente “dom da graça” (...), caracteriza o líder auto-indicado, seguido pelos que estão em desgraça e seguem-no

por acreditarem ser ele extraordinariamente dotado. Os fundadores das religiões mundiais e os profetas bem como os heróis militares e políticos, são os arquétipos do líder carismático. Milagres e revelações, feitos heróicos de valor e êxitos surpreendentes são marcas características da sua estatura (WEBER, 1982: 70).

Apesar de não ter milagres e revelações como “marcas características da sua estatura”, Willy Barth é caracterizado nas narrativas analisadas neste trabalho como sendo autor de “feitos heróicos e êxitos surpreendentes”, de tal forma que os movimentos entusiásticos advindos da atuação deste líder carismático possibilitam a superação de barreiras através do valor que as pessoas depositam em seus atos.

Em outra narrativa aparecem referências ao discurso de Barth, mais especificamente quanto à necessidade da união de esforços para alcançar o progresso de todos:

Ele falava o seguinte: Olha meus amigos – muitas vezes ele dizia meus filhos, porque chamavam ele muito de pai – o que nós fizé aqui é prá nós, porque General Rondon tem futuro. Vocês podem cré aqui no que o paizinho tá falando: General Rondon tem futuro só que isso tudo depende de voceis, se voceis não arregaçá as manga de suas camisa igual a mim, General Rondon não vai sê ninguém. General Rondon depende de nós, vocês nunca esqueçam disso e nunca façam as coisas pensando ‘eu to fazendo prá mim’. Nós tamo fazendo isso prá nós. Porque eu não tô trabalhando prá mim, eu tô trabalhando prá nós e eu quero que todos tenham esse mesmo objetivo. Isso ele falava e me marcô (PETER, 1999).

Nesta fala, como visto, Barth é caracterizado como aquele que se apresenta através de ações que possuem envolvimento coletivo, sendo solidário às dificuldades que o seu grupo enfrenta. Além disso, Barth seria aquele que condena o individualismo, enfatizando a necessidade do engajamento coletivo para o alcance das metas.

Neste sentido, na medida em que são consideradas essas falas de pessoas que vivenciaram as práticas discursivas de Barth, percebe-se que o mesmo se apresenta como um exemplo a ser seguido pelo seu grupo, o que mostra que o carisma deste personagem tem objetivos diversos, entre eles, o de ordenar as atitudes de sua comunidade. Para tanto, utilizava-se de estratégias que visavam entusiasmar as pessoas de seu meio, evidenciando assim formas de poder entrelaçadas a ações carismáticas, pois, através do seu carisma pessoal, Barth valorizava os

indivíduos que não apresentassem resistência ao modelo proposto. Assim, o líder tem como traços reveladores o fato de que “para cada um daqueles que o segue, ele abre portas até então fechadas, autoriza audácias ainda não expressas, liberta da timidez por muito tempo contida. Impõe-se como um modelo, mas como um modelo singularmente próximo, no qual cada um pode esperar e tentar reconhecer-se” (GIRARDET, 1987: 92).

Deste modo, quando o grupo tenta reconhecer-se em Barth passa a tê-lo como espelho que reflete os valores a serem prestigiados no cotidiano da comunidade. Sendo assim, Willy Barth é visto como uma pessoa próxima a sua comunidade, por ser reconhecido como o pai de todos. Além disso, a presença de Barth na região contagia as comunidades nas quais fazia visitas periódicas. É o que denotam as seguintes declarações:

Quando Willy Barth vinha prá Rondon todo mundo saía correndo ligeiro: Mãe! Mãe! Mãe! Willy Barth chegô. O paizinho tá aí. Willy Barth veio. A gente tinha uma impressão muito boa dele (...). Com o passar dos anos, a gente chegô a amá esse homem como se fosse o pai da gente. A gente sentia saudades dele: Nossa, o Willy Barth não aparece mais (PETER, 1999).

Desta maneira, o carisma de determinados indivíduos pode vincular-se a um expressivo poder de persuasão, capaz de fazer com que as pessoas depositem a mais profunda confiança nas ações destes personagens, pois, nas palavras de Girardet, tais sujeitos podem “surpreender, comover, cativar e subjugar, capazes mesmo de exercer ao seu redor uma espécie de fascínio sensual que dá a cada um de seus gestos ou cada uma de suas palavras uma ressonância efetiva de uma profundidade especial” (GIRARDET, 1987: 92).

Tais características possuem efetiva procedência nas relações existentes entre o mito Willy Barth e seu grupo:

quando ele vinha de Toledo, era cercado de todos os lados. [Barth] não sabia com quem falar primeiro. Acho que até podia olhá prá cima e prá baixo que tinha gente (...) e se ele vinha prá cá, lembrei agora, na época tinha muita poca casa, né, então [ele] ia de casa em casa e dizia. Olha, hoje à tarde vô passá aqui prá comê um pedaço de cuca e tomá uma cuia de chimarrão. E vinha mesmo, se ele dizia, vinha mesmo (...). Meu Deus! E as pessoa dizia: Hoje o Willy Barth veio na minha casa. Viu

como o paizinho lembrô de mim. Sempre tinha gente atrás dele, quase não conseguia caminhar (PETER, 1999).

Como se percebe através da narrativa acima, receber Willy Barth em sua casa ou ter qualquer contato com o mesmo era algo que trazia grande honra para os colonos da região, o que mostra seu reconhecimento público junto à comunidade, pois suas visitas causavam um certo frenesi, alterando a dinâmica rotineira.

Esta capacidade de fascinar as pessoas possuía implicações tanto individuais como coletivas, pois “Hoje o Willy Barth veio na minha casa. Viu como o paizinho lembrô de mim” e “quando ele vinha de Toledo, era cercado de todos os lados. [Barth] não sabia com quem falar primeiro”. Desta maneira, a sua presença e as suas palavras cativavam as pessoas, evidenciando sua personalidade carismática.

Assim, o fascínio que esse personagem causava nas pessoas integrantes de sua comunidade é descrito como “privilégio desconcertante dos grandes homens, [pois] por mais que se analise a personalidade de Willy Barth, será difícil chegar a uma conclusão” (A VOZ DO OESTE, 1971: 01).

Com essas características, a personalidade de Barth surpreende e comove os membros do seu grupo, a tal ponto que chega a ser considerado uma força que substitui os pais legítimos das pessoas que habitavam esse espaço, fato este que pode ser evidenciado na seguinte fala: “Prá mim, o falecido Willy Barth era o pai, meu segundo pai, que ele ajudô muito nós aqui. Muito mesmo, sabe, em tudo, em tudo. Por isso eu tinha uma fotografia dele lá no posto de gasolina” (A VOZ DO OESTE, 1971: 01).

Diante dessas narrativas, as imagens que compõem o “pai Willy Barth” refletem aspectos que o identificam como protetor das “famílias do Oeste”, circulando tanto em meio aos sentimentos particulares como coletivos. Segundo Girardet, é

sob a forma de uma espécie de substituto da autoridade paterna que essa imagem tende a se definir com freqüência. Pai procurado e redescoberto – tendo tomado o lugar, desempenhando o papel de um pai perdido ou repudiado – os sentimentos de respeito e de devotamento que se dirigem ao personagem heroificado vão em primeiro lugar, neste caso, para o protetor: a ele o encargo de apaziguar, de restaurar a confiança, de restabelecer uma segurança comprometida; a ele também a tarefa de fazer frente as ameaças da desgraça (GIRARDET, 1987: 91).

Assim, o “pai do Oeste” é visto pelo seu grupo como o herói protetor que, desempenhando atividades que garantiam a segurança de sua comunidade, assume funções paternas e mostra-se enquanto um “guerreiro” que enfrenta obstáculos para proteger “seu povo”. Esta caracterização é respaldada em uma entrevista de Diva Paim Barth (esposa de Willy Barth) concedida ao jornal *A Voz do Oeste*, na qual afirma que Barth “era um homem dedicadíssimo a esta região. Enfrentando tudo com galhardia e confiança no futuro, dava-nos o exemplo. Em conversa, eu costumava dizer-lhe que o Oeste do Paraná era seu filho querido, já que não tínhamos filho homem. Ele queria fazer o possível e o impossível, desde que assim o exigissem o desenvolvimento e o progresso” (A VOZ DO OESTE, 1971: 01).

Percebe-se que nas diversas narrativas que abordam as ações de Barth, este é descrito como aquele que apresentava as “soluções” para os problemas enfrentados pelas pessoas. Sendo assim, era visto como o exemplo para tudo e para todos e, fruto de seu carisma pessoal, passa a ser denominado como pai dessas comunidades, fonte de inspiração para que essas pessoas superassem as dificuldades rotineiras.

Contudo, seu poder de sedução evidenciava-se com maior nitidez na medida em que suas práticas discursivas concentram-se sobre a idealização de um futuro próspero para essa região e conseqüentemente para os indivíduos que a integravam. Para Barth, condutor da comunidade, o futuro é algo a ser conquistado e para que as pessoas atingissem melhores condições de vida era necessário muito trabalho e dedicação de todos. Tais demonstrações garantiam a confiança do grupo em seus atos, sendo caracterizado como um indivíduo que possuía uma personalidade privilegiada e, portanto, as pessoas poderiam confiar no progresso da região devido à empolgante atuação de seu líder. Esta confiabilidade é notável em carta enviada pela comunidade a Willy Barth, homenageando seu trabalho nesta região:

O povo das Colonias, das Chácaras e da Séde de General Rondon vem transmitir-vos os mais sinceros votos para um Feliz Natal e Prospero Ano Novo. Desejamo-lhes, como Chefe e Pai da Fazenda Britania, uma administração proficua e a realização de todos os seus planos. Externamos os nossos cordiais agradecimentos por tudo que fizestes para o desenvolvimento da nossa zona e por todo carinho dispensado a cada um de nós. Nas horas de preocupações pedimos lembrar-vos de que este povo aqui sempre estará ao vosso lado lutando junto para a solução de todos os vossos problemas (CARTA, 1954: 01).

Em outra carta enviada pela comunidade local aos diretores da MARIPÁ são apresentados sinais desta mesma confiabilidade novamente externada em forma de agradecimentos: “Em especial consignamos, aquí, nossos agradecimentos ao Sr. Willy Barth, nosso maior amigo que, com seu espírito empreendedor e realizador, trabalhou e enviou seus melhores esforços para o bem estar nosso, de nossas famílias e de nossa cidade” (CARTA, 1954: 01).

Esta manifestação permite observar que o carisma deste sujeito possui um poder de inserção expressivo neste espaço, no qual as pessoas, na medida em que confiam e aprovam as ações de seu líder, mostram sua adesão ao mesmo, pois “nas horas de preocupação pode lembrar-vos de que este povo aqui sempre estará a vosso lado lutando junto para a solução de todos os vossos problemas”. Vista desta forma, a figura de Barth é enaltecida de tal maneira que seus problemas são compreendidos como problemas da comunidade.

Neste sentido, Max Weber ressalta que “os súditos podem prestar um ‘reconhecimento’ mais ativo ou passivo à missão pessoal do mestre carismático. Seu poder baseia-se nesse reconhecimento puramente fatural e nasce da dedicação fiel. É a devoção ao extraordinário e inaudito (...) e que, portanto, é considerado como divino. É uma dedicação nascida da dificuldade e do entusiasmo” (WEBER, 1982: 288).

Dentro desta perspectiva, o fascínio carismático de determinados personagens não se restringe apenas aos limites institucionais, já que sua concretude advém da atuação pessoal, inscrita em um plano circunstancial específico, no qual os heróis desempenham um papel fundamental na organização sociocultural do grupo ao integrar elementos tanto do universo profano quanto do sagrado.

Com relação a Willy Barth, este papel parece estar no fato de que “sempre tava presente. Era Deus no céu e o Willy na terra (...). Ele era um pai de todos, muito hábil. Ele ia junto no mato, porque tinha ‘borrachudo’, mosquito. Ele ia prá animá o pessoal (...), porque a vida era difícil” (SCHOEDER, 1999).

Destarte, nas falas das pessoas que acompanharam a colonização, Barth possuía atributos sagrados, pois é equiparado a mitos cristãos, o que mostra que suas ações eram vistas pelo seu grupo como algo “divino”. Por outro lado, seu carisma concentrava aspectos profanos que impressionavam a comunidade local ao compartilhar dificuldades com as quais os membros desta região se deparavam, sendo então o “pai de

todos” por vivenciar junto com seu grupo as condições adversas da ocupação das terras.

Ainda com relação aos aspectos profanos da atuação pessoal de Barth, pode-se evidenciar alguns exemplos que ilustram tais características, encontradas sobretudo na descrição do papel da MARIPÁ na colonização da região, da qual o

mais conhecido representante é o senhor Willy Barth. Desde a fundação da Firma foi realizado o velho plano dos ingleses: trazer imigrantes, colonizando assim as terras (...). O ‘papai’ desta colonização então ficou o Sr. Barth, que lutou desde o início contra a mata virgem, sofreu o isolamento dos pioneiros com a civilização, combateu as picadas das moscas, a ardência do carrapato, a falta de alimentação adequada (PAWELKE, 1970: 23-24).

Barth é visto então como o indivíduo que sofria junto com sua comunidade e esta qualidade o distingue do restante de seu grupo, fator este que lhe propicia poderes que alimentam sua liderança local, pois as pessoas sentem-se protegidas ao seu lado. Nas palavras de Girardet, a relação carismática existente entre o pai e seus seguidores é bastante recorrente, pois: “para merecer sua estima, beneficiar-se de sua amizade ou de sua complacência, não há muitos sacrifícios de que os mais humildes de seus sectários não se sintam e não se desejam capazes” (GIRARDET, 1987: 92).

Na medida em que são consideradas as reflexões de Girardet e estas são aliadas às narrativas que apresentam detalhes das ações de Barth junto à sua comunidade, percebe-se as formas constitutivas das redes de poder que se aglutinam na figura do pai carismático, pois suas práticas tornam-se uma vontade coletiva, sendo que as pessoas passam a incorporar elementos dos atos “exemplares” que circulam em torno da vontade do pai, conferindo a este poderes que fogem da compreensão do seu grupo.

Assim sendo, estes personagens tornam-se marcos da memória coletiva, mitificando sua imagem, pois “inapagáveis na história de Rondon se acham indiscutivelmente os nomes dos administradores da Maripá, cujo diretor, o Sr. Willy Barth, desde a entrada dos pioneiros serviu de pai da família rondonense e de quem esta jamais se esquecerá” (O OESTE, 1953: 04), o que mostra o não-esquecimento do “pai Barth”, assim como a gradual constituição de um mito político no Oeste paranaense.

Fontes

- AVOZ DO OESTE (Jornal). Toledo, n. 67, ano IV, 25 de julho de 1971. Toledo: Museu Histórico Willy Barth. Arquivo Público do Paraná. “Discurso de Lyrio Bartoli na Câmara dos Deputados em Brasília”. 12 de junho de 1968 [Dossiê – 0551, Cx. 062 – DOPS].
- CARTA da comunidade de General Rondon a Willy Barth (Comemorações de Ano Novo). Toledo: Museu Histórico Willy Barth, 1954.
- CARTA da comunidade de General Rondon a Willy Barth (Natal de 1954). Toledo: Museu Histórico Willy Barth, 1954.
- CARTA enviada por empresários de Buenos Aires à família Barth. Toledo: Museu Histórico Willy Barth. 1962.
- DÉCADA (Revista trimestral). Ano I, n.º 03. Toledo. 25-07-1974.
- KUHN, Wilson Carlos. *Biografia de Willy Barth*. Toledo: Museu Histórico Willy Barth. Mimeo. 1978.
- LAMB, Arlindo A. *Decreto Municipal*. Prefeitura Municipal de Mal. C. Rondon, 1962.
- _____. *Mensagem dirigida ao povo de Marechal Cândido Rondon*. Prefeitura Municipal, 1963.
- LAMBERTY, Alberto A. *Entrevista*. Marechal Cândido Rondon, fevereiro de 1999.
- MORAIS, Adaril. *Carta enviada à Família Barth*. Toledo: Museu Histórico Willy Barth, 1962.
- NEUGEBAUER, Osvaldo H. *Entrevista*. Toledo, fevereiro de 1999.
- NIEDERAUER, Ondy H. *Toledo no Paraná: a história de um latifúndio improdutivo, sua reforma agrária, sua colonização, seu progresso*. Toledo: Grafo-Set, 1992, p. 35.
- O OESTE (Jornal). N.º 4, 1953.
- PAWELKE, J. *Ficando rico no oeste do Paraná*. Marechal Cândido Rondon: Igreja Martin Luther, 1970.
- PETER, Neusa. *Entrevista*. Marechal Cândido Rondon, fevereiro de 1999.
- PUDELL, Egon. *Carta do 6º Aniversário do falecimento de Barth*. Toledo: Museu Histórico Willy Barth, 1969.
- SCHROEDER, Volnei. *Entrevista*. Marechal Cândido Rondon, fevereiro de 1999.
- SENADO FEDERAL (Projeto de lei). “Dá a denominação de ‘Willy Barth’ à rodovia BR 467”. Brasília, 1985.

SILVA, Oscar; Maciel, Clori F.; Bragagnollo, Rubens. *Toledo e sua história*. Toledo: Prefeitura Municipal, 1988.

VON BRAUGHTER (Família). *Entrevista*. Marechal Cândido Rondon, fevereiro de 1999.

Referências Bibliográficas

BENDIX, Reinhard. *Max Weber, um perfil intelectual*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GREGORY, Valdir. *Os euro-brasileiros e o espaço colonial: a dinâmica da colonização do Oeste do Paraná nas décadas de 1940 a 1970*. Niterói, 1997. Tese (Doutorado em História) – UFF, p. 115.

MACCARI, Neiva. *Migrações e memória: a colonização do Oeste paranaense*. Curitiba, 1999. Dissertação (Mestrado em História) – UFPR.

MATOS, Olgária C. F. “Construção e desaparecimento do herói: uma questão de identidade nacional”. *Tempo Social* [São Paulo], 6 (1-2), 1994.

MICELI, Paulo. *O mito do herói nacional*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

NIEDERAUER, Ondy H. *Toledo no Paraná: a história de um latifúndio improdutivo, sua reforma agrária, sua colonização, seu progresso*. Toledo: Grafo-Set, 1992, p. 35.

VERNANT, Jean-Pierre. “A bela morte e o cadáver ultrajado”. *Revista Discurso* [São Paulo], n. 9, nov./1978.

Weber, Max. *Ensaios de sociologia*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.